

## Triangulação metodológica: conceitos e perspectivas de aplicação

### Methodological triangulation: concepts and perspectives of application

Thaísa Bueno

Doutorado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2015) e Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2007). Coordena o programa de pós-graduação - Mestrado em Comunicação (PPGCom UFMA) de Imperatriz. Brasil. E-mail: thaisabu@gmail.com.

Marcelli Alves

Doutorado em Comunicação (Jornalismo e Sociedade) pela Universidade de Brasília, UnB. Professora adjunta da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Brasil. E-mail: alves.marcelli@yahoo.com.br.

#### Resumo:

A proposta deste artigo é apresentar uma revisão teórica sobre a pesquisa de métodos mistos, com o objetivo de lançar luz para o modelo e, possivelmente, instigar sua prática. Autores como Niglas (2004), Bryman (2006), Wooley (2008), Paranhos et al (2016), entre outros, destacam que a triangulação metodológica é um desejo de pesquisadores nas áreas das humanidades e ciências sociais, embora ainda exista muita dificuldade na sua aplicação. Neste sentido, este artigo tenta reunir determinados conceitos e particularidades deste método, a partir de autores que têm se dedicado a esmiuçar a triangulação como um tipo de pesquisa que vai além de puramente incluir etapas variadas de levantamento de dados na investigação: Teddlie, Tashakkori (2006), Small (2011) Oliveira (2015), Creswell (2014), entre outros. A proposta é compilar conceitos e modos de aplicação para servir a um estudo introdutório ao tema.

#### Palavras-chave:

Triangulação; Multimétodos; Metodologia.

#### Abstract:

The purpose of this article is to present a theoretical review of mixed methods research, with the aim of shedding light on the model and, possibly, instigating its practice. Authors such as Niglas (2004), Bryman (2006), Wooley (2008), Paranhos et al (2016), among others, point out that methodological triangulation is a desire of researchers in the areas of the humanities and social sciences, although there is still much difficulty in its application. In this sense, this article tries to gather certain concepts and particularities of this method, from authors who have been dedicated to scrutinize triangulation as a type of research that goes beyond purely including varied stages of data collection in the investigation : Teddlie, Tashakkori ( 2006), Small (2011) Oliveira (2015), Creswell (2014), x and Y, among others. The proposal is to compile concepts and application modes to serve an introductory study on the theme.

#### Keywords:

Triangulation; Multimethods; Methodology.

## 1 Introdução

A investigação científica é um esforço de combinar as inquietações pessoais sobre certo fenômeno e um modo de resolvê-las. Para alcançar resultados cientificamente provados, é necessário sistematizá-las em etapas que incluem uma variedade de decisões sobre a coleta de dados, os modos de análise e interpretação, tipos de objeto e saldos esperados. Nesse contexto, a metodologia é o caminho a ser trilhado para se chegar a uma conclusão ou levantar novas indagações ao problema encontrado.

O *start* inicial de sua escolha é a construção de uma pergunta com a intenção principal de alcançar uma resposta satisfatória. Para chegar a esse resultado, o pesquisador precisa passar por etapas pré-estabelecidas, definidas como metodologias de pesquisa, mas independentemente de como a pesquisa será realizada, todas elas envolvem o recolhimento de dados e cada método utiliza uma forma de coletá-los.

Mas, mais que uma ferramenta para se chegar a um fim, a metodologia é uma escolha que vai nortear um percurso e delinear uma direção a ser seguida a partir de um modo de ver o objeto investigado. “Metodologia, portanto, não é a adoção de mero ferramental facilitador da análise empírica, sendo decorrente de princípios epistemológicos e nos quais estão envolvidas premissas fundamentais do conhecimento científico” (BARBOSA, 2016, p. 195).

Ao tratar das escolhas metodológicas, Santaella (2001) sistematizou, a partir de um compêndio de leituras sobre livros que tratam do assunto em diferentes áreas do conhecimento, que essas opções, de um modo geral, teriam cinco origens, as quais ajudam a pensar o melhor procedimento para investigações diversas. São elas: a) sistemas filosóficos, que mesmo não tendo em si um modelo a ser seguido acabam, segundo a autora, norteados estudos neste formato; b) procedimentos da área, já que determinados campos do saber dão preferência a certos ferramentais em detrimento de outros; c) teorias, uma vez que arcabouços teóricos movimentam modelos comuns de levantamento; d) campo, enfatizando que a própria inserção no espaço empírico induz a alguns procedimentos; e, e) reflexão analítica, que estimula certas escolhas.

Usualmente, Martino (2018) faz uma orientação que parece responder, pelo menos de maneira ampla, como saber qual seria o método mais adequado. Segundo

ele, “a escolha do método depende da pergunta de pesquisa” (MARTINO, 2018, p. 67). Embora generalista, a resposta, levando em conta as particularidades dos objetos e a complexidade das ciências humanas e sociais, não é assim tão óbvia. Conforme avalia Santaella (2001), nestes campos, como em outros correlatos, a Psicologia e a Educação, a exemplo, não há uma metodologia “hegemônica” ou um procedimento padrão universal. Nesse sentido, para além de cada objeto articular um método, é adequado, devido ao perfil multidisciplinar das áreas, optar por “metodologias mistas, integradas e complexas” (SANTAELLA, 2001, p. 134).

Escolhas essas nem sempre fáceis de fazer. Ao mapear estudos sobre as pesquisas na Comunicação, por exemplo, autores como Machado e Rohden (2016), Fragoso, Recuero e Amaral (2011), Vanz et al (2007) e Correia et al (2007), apesar das particularidades de cada levantamento que coordenam, ora com foco em teses e dissertações, ora em periódicos qualificados, ora no perfil do objeto, permitem concluir que na sua grande maioria as pesquisas da área enfocam, mais pontualmente, estudos analíticos com um procedimento metodológico único, com pouco espaço para sistemas aplicados e mistos. É bem verdade que, em particular nos estudos sobre jornalismo digital, o Grupo de Pesquisa em Jornalismo Online (Gjol), da Universidade Federal da Bahia, tem representatividade ao apostar no modelo híbrido, descrito como um ferramental que mescla levantamento quali-quantitativo, ainda que seja uma iniciativa de certo modo isolada e não corriqueira.

Sobre o tema métodos mistos, ainda que não esteja tratando especificamente da Comunicação, mas das pesquisas sociais como um todo, Paranhos et al (2016, p. 386) defendem que a possibilidade de permutar metodologias é um desejo de muitos pesquisadores, mesmo que na prática não seja adotado. De acordo com sua observação em estudos de autores como Niglas (2004), Bryman (2006) e Wooley (2008), trata-se de um problema instrumental, ou seja, de não saber como fazer para adotar os multimodos além de simplesmente incluir mais etapas no estudo. “Acreditamos que o principal obstáculo à abordagem multimétodo está mais relacionado à falta de treinamento específico, do que a uma opção ontológica e/ou epistemológica da comunidade científica” (PARANHOS et al, 2016, p. 386).

Conforme argumentam os autores, os próprios cursos de pós-graduação ensinam métodos independentes, sem desenvolver investigações que proponham uma integração.

A combinação de métodos depende de uma reestruturação dos currículos de graduação e pós-graduação no sentido de assegurar não só a oferta regular e intensiva de cursos de métodos quantitativos e qualitativos, mas principalmente uma disciplina específica sobre como integrá-los (PARANHOS et al, 2016, p. 386).

Neste sentido a proposta deste artigo é apresentar uma revisão teórica sobre a pesquisa de métodos mistos com o propósito de lançar luz para o modelo e quem sabe instigar sua prática. Com pondera Johnson e Onwuegbuzie (2004), o modelo de métodos mistos além de oferecer melhores oportunidades para responder a importantes questões de pesquisa, só poderá ser praticado com regularidade se avançar nos conceitos e conhecimentos. Deste modo este artigo é uma tentativa de contribuir para essa discussão no sentido de compilar alguns conceitos, particularidades e modos de uso.

## 2 De que metodologia estamos falando?

Para Duarte (2009), o processo da investigação social é repleto de tentativas que visam combinar em uma única averiguação diferentes métodos. Segundo a autora, tal tipo de pesquisa passou a ser chamado com frequência de “modelo misto”, “modelo múltiplo” ou “triangulação”. Embora a autora não esteja sozinha no entendimento de que tais etiquetas são distintos nomes para uma mesma prática – Johnson e Onwuegbuzie (2004) pensam do mesmo modo –, há quem veja pequenas singularidades entre as condutas. Tashakkori e Teddlie (2003), por exemplo, propõem uma diferenciação entre “métodos mistos” e “modelos mistos”.

Métodos mistos combinam abordagens qualitativas e quantitativas na metodologia de um estudo (como no estágio de coleta de dados), enquanto estudos de modelos mistos combinam essas duas abordagens em todas as fases do processo de pesquisa (como conceituação, coleta de dados, análise de dados e inferência) (TASHAKKORI; TEDDLIE, 2003, p.9, tradução nossa)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> “Mixed methods combine qualitative and quantitative approaches in the methodology of a study (such as in the data collection stage), while mixed model studies combine these two approaches across all

Concensuais ou distintos, o fato é que a “triangulação constitui, inegavelmente, uma dessas novas perspectivas no campo metodológico” (DUARTE, 2009, p. 4). A autora, inclusive, defende que a etiqueta “triangulação” é a mais frequentemente usada na literatura técnica, citada por muitos autores como um conceito central na integração metodológica.

Stake (1995) explica que a terminologia triangulação tem como princípio o modo como eram feitas as disposições dos navios no oceano, cujo posicionamento era baseado em três estrelas no céu. Oliveira (2015) relembra que o termo reproduzido das estratégias militares teve como origem a área da matemática denominada de trigonometria, cujas orientações destacam nos pontos de referência múltiplos as estratégias para determinar a localização exata de um objeto. “[...] princípios básicos de geometria, múltiplos pontos permitem alcançar uma maior precisão na localização” (OLIVEIRA, 2015, p. 138).

Creswell (2014) salienta que o padrão de metodologias mistas começou a se popularizar nas ciências sociais na década de 1980, embora admita que algumas iniciativas tenham sido bem sucedidas na Psicologia ,30 anos antes. Mas, conforme conta, foi somente nos 1990 que se registrou uma valorização das estratégias de múltiplos métodos em estudos sociológicos e afins por meio da triangulação de fontes e da convergência sistemática de bases de dados (qualitativos e quantitativos).

O campo de pesquisa de métodos mistos é relativamente novo, com grandes trabalhos desenvolvidos a partir da metade até o final dos anos 80. Suas origens, no entanto, voltam ainda mais. Em 1959 Campbell e Fisk usaram vários métodos para estudar traços psicológicos - embora seus métodos fossem apenas medidas quantitativas, seu trabalho levou outros a começar a coletar várias formas de dados, como observações e entrevistas (dados

---

*phases of the research process (such as conceptualization, data collection, data analysis, and inference)”.*

qualitativos) com pesquisas tradicionais [...] (CRESWELL, 2014, p. 47<sup>2</sup>, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Embora não adote o termo triangulação, mas, sim, métodos mistos, Creswell (2014) faz uma explicação bem pragmática para definir a escolha de metodologias variadas.

Métodos mistos envolvem combinação ou integração de pesquisa e dados qualitativos e quantitativos em um estudo de pesquisa. Os dados qualitativos tendem a ser abertos sem respostas predeterminadas, enquanto dados quantitativos geralmente incluem respostas fechadas, como encontradas em questionários ou instrumentos psicológicos (CRESSWELL, 2014, p. 43, tradução nossa)<sup>4</sup>.

No entanto, para alguns autores não se trata pura e simplesmente de incluir diferentes formas de colher dados. A triangulação não apenas representa uma possibilidade de combinar vários métodos qualitativos entre si (FLICK, 2005) e de articular métodos quantitativos e qualitativos (FIELDING e SCHREIER, 2001; FLICK, 2005), como também representa o conceito que quebrou a hegemonia metodológica dos defensores do monométodo (ou método único).

Denominam-se “monométodos” quando há aplicação exclusiva de técnicas de pesquisa quantitativa ou qualitativa. Uma vez que o estudo combina técnicas de pesquisa quantitativa e qualitativa em qualquer grau - coleta, análise e/ou interpretação de dados - é denominado delineamento total ou parcial de métodos mistos (TEDDLIE; TASHAKKORI, 2006, p. 96).

---

<sup>2</sup> “Mixed methods involves combining or integration of qualitative and quantitative research and data in a research study. Qualitative data tends to be open-ended without predetermined responses while quantitative data usually includes closed-ended responses such as found on questionnaires or psychological instruments. The field of mixed methods research is relatively new with major work in developing it stemming from the middle to late 1980s. Its origins, however, go back further. In 1959, Campbell and Fisk used multiple methods to study psychological traits—although their methods were only quantitative measures. Their work prompted others to begin collecting multiple forms of data, such as observations and interviews (qualitative data) with traditional surveys [...]”.

<sup>3</sup> “The field of mixed methods research is relatively new with major work in developing it stemming from the middle to late 1980s. Its origins, however, go back further. In 1959, Campbell and Fisk used multiple methods to study psychological traits—although their methods were only quantitative measures. Their work prompted others to begin collecting multiple forms of data, such as observations and interviews (qualitative data) with traditional surveys [...]”.

<sup>4</sup> Mixed methods involves combining or integration of qualitative and quantitative research and data in a research study. Qualitative data tends to be open-ended without predetermined responses while quantitative data usually includes closed-ended responses such as found on questionnaires or psychological instruments.

Sobre o tema, Small (2011) entende que tal conceituação ainda carece de cautela, uma vez que na sua avaliação o próprio entendimento epistemológico do que seria um estudo essencialmente qualitativo ou quantitativo não está totalmente resolvido, permitindo, por exemplo, questionamentos sobre variáveis como universo, técnicas e resultados.

Oliveira (2015, p. 138) concorda que a classificação multimétodo não pode ser uma mera inclusão de etapas de coleta de dados, “especialmente se tal combinação for feita de forma retórica, superficial ou apenas com intenção ilustrativa”. Na mesma lógica, Creswell e Clark (2011) destacam que a etiqueta tem mais a ver com as consequências da pesquisa, sua pergunta de investigação, que um método de coleta de dados. Embora defenda, também que o valor dos múltiplos métodos reside na sua possibilidade de diminuir as parcialidades e fraquezas de estudos isolados, tanto qualitativos, quanto quantitativos.

Denzin e Lincoln (2005) destacam, inclusive, que essa terminologia (triangulação) está relacionada com uma técnica qualitativa inserida em um universo múltiplo de métodos de pesquisa de diversos campos do conhecimento. De acordo com Goldenberg, Marsiglia e Gomes (2006) a triangulação metodológica é utilizada com bons resultados em pesquisas voltadas à Saúde. Já Briceño-León, (2003) exploram a aplicabilidade do método nas Ciências Sociais. Autores como Lyra, Gomes e Jacovine (2009) falam da técnica atrelada a investigações da Administração. Além disso, Roncaglio (2004) a indica nas pesquisas de Psicologia; Leffa (2006) trata da aplicação da aprendizagem de língua estrangeira mediada por computador a partir do modelo misto e Fíguro (2010) já explorou anteriormente a aplicabilidade na Comunicação.

Porém, no âmbito nacional, mesmo com todo o avanço nesta área, existem pesquisadores que ainda atribuem a esse modelo de pesquisa um campo confuso a ser explorado, pois o mesmo encontra-se em uma fase de descobertas, de amadurecimento.

### **3 Os princípios básicos da filosofia sociológica e a triangulação metodológica**

Duarte (2009) sintetiza dois polos elementares para a pesquisa mista, denominados por ela como o ideal-típico: o quantitativo e o qualitativo. De acordo

com Richardson (1989), o método quantitativo possui a intenção principal de obter precisão nos resultados. Para ele, ao planejar esse tipo de estudo, torna-se necessária a identificação das variáveis específicas que possam ser significativas no desenvolvimento do trabalho.

Grawitz (1975) diz que a Matemática é essencialmente uma linguagem, um meio de comunicação. Para ela, é perfeitamente possível, dependendo do campo em estudo, aderir a determinados aspectos matemáticos em detrimento de outros.

Estas matemáticas humanas, que nem os matemáticos nem sociólogos ainda sabem exatamente para onde olhar e que em grande parte ainda não foram inventadas, são todas muito diferentes daqueles através das quais as ciências sociais, uma vez tentaram dar uma forma rigorosa em suas observações (GRAWITZ, 1975, p. 305, tradução nossa).<sup>5</sup>

Ao contrário, a pesquisa qualitativa estabelece uma relação do pesquisador com o campo e seus integrantes como aliados na produção do saber. Assim, a subjetividade é integrante direta desse tipo de investigação. Para Richardson (1989), o método de pesquisa qualitativo difere do quantitativo, porque não utiliza um instrumental estatístico como base na análise de um problema e também não tem a pretensão de medir ou numerar as categorias.

Muitos autores aceitam a definição de que é qualitativa toda pesquisa que trabalha com dados que demonstram qualidades (que não são expressas em números). Tesch (1990) estabelece que os dados qualitativos podem também incluir informações não verbais, como é o caso de pinturas, fotografias e filmes, entre outros.

Bourdon (1989) explica a diferença da pesquisa quantitativa. Ele acredita que os métodos quantitativos são caracterizados pela pressuposição de que se trata de uma população de coisas que permite observações comparáveis entre si. Santos Filho (2001) acrescenta que os pesquisadores adeptos da abordagem quantitativa, em geral, veem a pesquisa qualitativa como carente de objetividade, rigor e controle científicos. Popper (1998) adiciona a ideia de que as experiências subjetivas não podem justificar

---

<sup>5</sup> “Estas matemáticas humanas, que ni los matemáticos ni los sociólogos saben exactamente todavía dónde ir a buscar y que en gran medida aún deben inventarse, serán en todo caso muy diferentes de aquellas gracias a las cuales las ciencias sociales trataban en otro tiempo de dar una forma rigurosa a sus observaciones”.

um enunciado científico nos moldes da ciência. Ele argumenta que a pesquisa científica deve ser amparada por dados que a justifiquem de forma objetiva.

No entanto, alguns autores têm contestado esse pensamento, utilizando para isso argumentos diversos. Demo (2001) é um deles. Esse autor não exclui a importância da objetividade, mas ressalta que a mente humana tende a enfrentar a realidade por meio da simplificação e de forma padronizada. Para ele, os padrões aos quais as pessoas são submetidas estão mais relacionados à mente do que, de fato, àquilo que é real, levando o pesquisador a entender os fenômenos de forma deturpada. “Como o extenso [quantitativo] é mais facilmente ordenável, sobretudo mensurável, é preferido pelo método científico” (DEMO, 2001, p. 17). O autor explica ainda que a expectativa de realidade do ponto de vista quantitativo não passa de uma simplificação imposta por conta do rigor metodológico, a ponto de considerar real apenas o que o método consegue evidenciar. Isso impõe o que ele chama de “ditadura do método”. De acordo com ele, é necessário reconhecer que a pesquisa qualitativa ainda é uma proposta tênue que, de forma geral, traz resultados incipientes.

Datta (1994) defende a complementaridade dos métodos qualitativo e quantitativo. Para ele, a combinação entre ambos existe já há algum tempo no universo da pesquisa empírica e tem trazido resultados satisfatórios. Um aliado desse pensamento é Minayo (1994). Ele destaca que as abordagens qualitativa e quantitativa não são incompatíveis e podem ser integradas em um mesmo projeto. O autor ressalta que uma pesquisa quantitativa pode conduzir o investigador à escolha de um problema particular a ser analisado em toda sua complexidade por meio de métodos e técnicas tanto quantitativos, quanto qualitativos.

Com o tempo, novas terminologias passaram a ser utilizadas quando é feita a utilização dos dois métodos, dentre as quais destacamos *triangulação de dados*, *triangulação do investigador*, *triangulação teórica* e *triangulação metodológica*. Contudo, apesar dessa diversidade de termos, essa prática pode ser definida da seguinte forma:

A “triangulação de dados” refere-se à recolha de dados recorrendo a diferentes fontes. Distinguindo subtipos de triangulação, Denzin propõe que se estude o fenômeno em tempos (datas – explorando as diferenças temporais), espaços (locais – tomando a forma de investigação comparativa) e com indivíduos diferentes. Na “triangulação do investigador”, os investigadores recolhem dados independentemente uns dos outros sobre o mesmo fenômeno em estudo e procedem à comparação

de resultados. Trata-se de comparar a influência dos vários investigadores sobre os problemas e os resultados da pesquisa. Na “triangulação teórica”, são usadas diferentes teorias para interpretar um conjunto de dados de um estudo, verificando-se a sua utilidade e capacidade. Na “triangulação metodológica”, são utilizados múltiplos métodos para estudar um determinado problema de investigação. Denzin distingue dois subtipos: a triangulação intramétodo – que envolve a utilização do mesmo método em diferentes ocasiões – e a triangulação intermétodos – que significa usar diferentes métodos em relação ao mesmo objeto de estudo. (DENZIN, 1989 *apud* DUARTE, 2009, p. 45)

A ideia de que os resultados produzidos com métodos diferentes podem ser utilizados para validação mútua não é consenso entre os autores. De acordo com Almeida e Pinto (1986 *apud* DUARTE, 2009), uma vez que a realidade é multifacetada, a categoria “verdade” funciona apenas como um limite e uma orientação operatória, que pode produzir aproximações.

Fielding e Fielding (1986) acrescentam à ideia de validação um outro argumento. De acordo com eles, os investigadores podem interpretar de forma equivocada os pontos comuns e os divergentes em dados coletados por meio de métodos distintos. Lincoln e Guba (2006) contestam. Para estes autores, não são os métodos que permitem “a verdade”, mas, antes, os processos de interpretações. Os autores afirmam que a triangulação apresenta como mais-valia o fato de não retirar conclusões precisas, mas permitir que os investigadores sejam mais críticos e, até mesmo, céticos em relação aos dados coletados.

No que tange à coleta de dados, a triangulação permite que o pesquisador possa lançar mão de três técnicas ou mais com vistas a ampliar o universo informacional em torno de seu objeto de pesquisa, utilizando-se, para isso, por exemplo, do grupo focal, entrevista, aplicação de questionário, dentre outros. Numa terceira dimensão, tem-se o emprego da triangulação para análise das informações coletadas. Nesse sentido, a técnica prevê dois momentos distintos que se articulam dialeticamente, favorecendo uma percepção de totalidade acerca do objeto de estudo e a unidade entre os aspectos teóricos e empíricos, sendo essa articulação a responsável por imprimir o caráter de cientificidade ao estudo (MARCONDES; BRISOLA, 2013, p. 203).

As mesmas autoras explicam que a análise por meio da triangulação está presente na articulação de três aspectos, assim definidos por elas: o primeiro está relacionado às informações concretas levantadas pela pesquisa, a segunda abarca o diálogo com os autores que estudam a temática em questão e a última está relacionada à análise da conjuntura. As autoras concordam, à luz de Gomes (2004, p.69), que dessa

forma é possível reduzir “distanciamento entre a fundamentação teórica e a prática da pesquisa”.

Marcondes e Brisola (2013) explicam também que o processo interpretativo deve ser organizado. Elas sugerem: a) descrever os dados qualitativos levantados; b) fazer pré-análise que consiste na avaliação dos dados coletados; e garantir que os dados qualitativos sejam robustos o suficiente para levar a conclusões.

A característica dialética, dessa construção-síntese, reforça a importância da passagem temporal, qual seja, do antes e depois à medida que permite que o pesquisador, continuamente, fortaleça ou substitua os conceitos unificadores e identificadores do objeto ou situação estudada. Compreende-se, portanto, que, a partir da apreensão de informações e de aspectos teórico-conceituais, mais se desenvolve a capacidade de o pesquisador exercitar sua consciência crítica, considerada como um dos objetivos dos que optaram por enveredar-se pelo universo da pesquisa. Tomando-se por base a definição desse processo interpretativo, considerado ao lado de tantos outros Referenciais Analíticos existentes como uma das indispensáveis ferramentas à construção do conhecimento, compreende-se, portanto, a importância do protagonismo dos pesquisadores que se decidiram por fazer uso desse Referencial, bem como buscar o aprofundamento de sua conceituação. Como consequência desse esforço teórico-prático, pode-se verificar o quanto tais pesquisadores e estudiosos sobre o tema podem oferecer contributos para avanço contínuo da Ciência, da Tecnologia e do Desenvolvimento (MARCONDES; BRISOLA, 2013, p. 206).

Sobre os modos de execução da triangulação metodológica, Creswell (2014) apresenta três modelos que ele entende que se podem classificar os multimétodos: Métodos Mistos Paralelos Convergentes, Métodos Mistos Explicativos Sequenciais e Métodos Mistos Exploratórios Sequenciais. Eles são classificados a partir de particularidades nos modos e ordem da coleta dos dados e quanto ao seu objetivo. De acordo com Creswell (2014), os primeiros incluem estudos que mesclam dados quantitativos e qualitativos para alcançar uma análise abrangente do problema. Neste formato a coleta qualitativa e quantitativa acontece simultaneamente; já os Métodos Mistos Sequenciais Explicativos são aqueles no qual o pesquisador primeiro aplica o estudo quantitativo, analisa os dados e depois parte para a pesquisa qualitativa, para explicá-los. Por fim, os Métodos Mistos Exploratórios Sequenciais tratam de estudos cuja sequência é inversa: a abordagem exploratória é a fase qualitativa, com entrevistas e opinião dos participantes. Esses dados servem para construir a segunda fase quantitativa, com o intuito de identificar instrumentos apropriados para sua aplicação ou para especificar as variáveis.

A proposta de Creswell (2014) ratifica o argumento de que o método não se resume a ampliação de fases de coleta de dados, mas numa escolha cuja intenção se antepõe ao processo de inserção no campo. Afinal, é o objeto da pesquisa, o que se espera responder, que vai definir o caminho de triangulação mais adequado. Esclarece também que não é uma demonstração puramente estrutural de inclusão de fases, mas um diálogo entre eles.

Mas além deste modelo, outra tipologia, proposta por Jankowski e Wester (1993), permite enxergar além da superficialidade a triangulação metodológica. Os autores apresentam outras quatro possibilidades, não da ordem da pesquisa, mas de escolhas na construção do processo metodológico: triangulação de dados, triangulação de pesquisadores, triangulação de teorias e triangulação de métodos. A primeira classificação trata das condições de captação dos dados, no tempo, no local e das condições de análise. Já triangulação de pesquisadores é a construção da pesquisa em parcerias com pessoas de distintos campo de conhecimento. Seguidamente a triangulação de teoria representa a abordagem do campo e do objeto a partir de arcabouço teórico variado. E, por fim, a triangulação metodológica seria a que utiliza diferentes métodos de coleta e análise de dados.

Por fim, sobre entender melhor como aplicar o modelo de métodos mistos, Oliveira (2015) reflete que a formatação do tipo de triangulação depende basicamente de três premissas que ratificam as tipologias anteriores e orientam novos pesquisadores sobre o modo de proceder. São as seguintes: O que combinar? Como combinar? e Qual o momento a combinar? Essas variantes ajudam a traçar que tipos de triangulação ou modos de fazer a triangulação são viáveis. Primeiramente sobre *o que combinar*, o autor sugere definir se serão combinados dados qualitativos de áudio e textos com registros estatísticos; depois sobre *como combinar*, refere-se às formas de geração de dados, como uma combinação de técnicas quantitativas e qualitativas. Em relação ao *momento de combinar*, considera-se o momento da coleta de dados da análise. Uma geração de dados pode se dar, basicamente, de forma sequencial ou concomitante. Uma vez definida as etapas, o autor entende que os resultados serão mais eficazes.

Essas diferenciações de formas de pesquisa levam a pensar nas razões da escolha, no por quê optar por estes tipos de levantamento. Ao trazer o conceito para o universo de pesquisa social, a ampliação das técnicas seguiu sendo a principal

diferenciação na busca por uma reflexão mais completa e complexa do universo investigado. Essa precisão se encontra como questão-chave da discussão não apenas a localização do seu objeto, mas, sim, de dar sentido a ele. A decisão de escolher usar esta metodologia também levanta questões. Segundo Oliveira (2015, p.138), “A ideia é permitir a compreensão de um fenômeno social a partir de diferentes pontos de vista (métodos). A triangulação busca a corroboração”. Tal justificativa é bem corriqueira na literatura sobre o assunto e remete aos modelos 2 e 3 da tipologia de Creswell (2014). No entanto, Small (2011) atenta que essa única razão, em si, não seria suficiente para a sua escolha como metodologia, já que diferentes levantamentos levam a resultados diferentes, nem sempre corroborando o inicial. Kelle (2005, p. 102), por exemplo, detalha duas outras razões, além da validação de dados: a complementação de informações à pergunta de pesquisa e a amplitude de respostas para um problema. Figaro (2013, p. 5) propõe, ainda, que: “a triangulação de dados também permite que a amostra fonte de informação seja abordada em diferentes tempos e espaços”.

Sobre as marcas deste tipo de investigação, Gallivan (1997) tentou sistematizar essas condicionantes. Segundo o autor, um estudo só poderá ser entendido como triangulação se atender as seguintes características: ter pelo menos uma etapa qualitativa e outra quantitativa de levantamento de dados; ter os dois dados levantados (quali e quantitativos) analisados e não apenas descritos; e a pesquisa deve ter uma discussão teórica que a ampare.

Cabe ponderar, ainda, a partir das reflexões de Tashakkori e Teddlie (1998), que sejam quais forem os modos como as etapas da triangulação vão ser adotadas, levando em conta particularidades epistemológicas ou do âmbito a pergunta, o modelo tem virtudes importantes que, embora não tenham sido apontadas como um diferencial para a comunicação pelo autor, podem instigar estudos nessa área. Por exemplo, ofertar uma variedade de ferramentas, tanto no âmbito qualitativo, quanto no quantitativo, adequado para a variedade de objetos que a área abarca, e ser uma metodologia que ficou mais fácil de ser aplicada com a popularização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

#### 4 Considerações finais

A discussão proposta neste artigo permite apresentar algumas conceituações e diferenciações entre os modos de aplicação da metodologia de métodos mistos e, neste sentido, contribuir para que o modelo investigativo possa ser uma opção mais viável aos pesquisadores que tenham interesse em adotá-la.

Ao reunir autores distintos a debater o tema, este compilado, além de ajudar na ordenação e sistematização de sua prática, levanta questões importantes a serem pensadas antes da adoção do método, como a ordem de aplicação dos estudos e sua vinculação entre pergunta de pesquisa e resultados esperados.

Destaca-se ainda que este estudo demonstra a complexidade dos estudos com esta metodologia e ratifica a importância da escolha metodológica na influência direta sobre os resultados alcançados. Inclusive, ao destacar o papel da triangulação como um método aplicado com intuítos que vão além da verificação ou validação de dados, instiga seu uso e reafirma sua importância nas diferentes investigações científicas.

#### REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. A pluralidade de modelos interpretativos nas Ciências humanas e o lugar da comunicação. In: MOURA, Cláudia Peixoto; LOPES, Maria Immaculata Vassalo. **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EdPUC, 2016.

BRICEÑO-LEÓN, Roberto. Quatro Modelos de Integração de Técnicas Qualitativas e Quantitativas de Investigação nas Ciências Sociais. In: GOLDENBERG, Paulete; MARSIGLIA, Regina Maria; GOMES, Andrea. **O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

BOURDON, Raymond. **Os métodos em sociologia**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

BRYMAN, Allan; BELL, Emma. **Business research methods**. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 2006.

CORREIA, Cynthia et al. Periódicos da área de comunicação: mapeamento da temática e autoria dos artigos. In: **XVII ENDOCOM – Encontro de Informação em Ciências da Comunicação**. Porto Alegre, 2007.

CRESWELL, John. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches.** Thousand Oaks: Sage, 2014.

CRESWELL, John; CLARK, Vicki. **Designing and Conducting Mixed Methods Research.** Thousand Oaks: Sage, 2011.

DATTA, Lois. Paradigm wars: a basis for peaceful coexistence and beyond. In: REICHARDT, C. S., e S. F. Rallis (eds.). **The qualitative-quantitative debate: new perspectives.** São Francisco: Jossey-Bass, 1994.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa.** Campinas: Papyrus, 2001.

DUARTE, Teresa. A possibilidade da investigação: reflexões sobre triangulação (metodológica). **Cies e-workingpaper.** 2009 Disponível em: <[http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP60\\_Duar- te\\_003.pdf](http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP60_Duarte_003.pdf)>. Acesso em: 05/01/2015.

FIGARO, Roseli. Perfis e discursos de jornalistas no mundo do trabalho. In: FIGARO, Roseli. (Org.). **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista.** São Paulo: Atlas, 2013.

FIELDING, Nigel G.; FIELDING, Jane. L. **Linking data: qualitative research methods.** Beverly Hills: Sage 1986.4 v.

FIELDING, Nigel, E M. SCHREIER, Introduction: on the compatibility between qualitative and quantitative research methods. **Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: qualitative social research(online),** 2001. Disponível em: <<http://qualitative-research.net/fqs/fqs-eng.htm>> Acesso em: 12/07/2015.

FLIK, Uwe. **Qualitative research.** London: Sage, 2005.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

GALLIVAN, Mike. Value in triangulation: a comparison of two approaches for combining qualitative and quantitative methods. In: LEE, Allen. S.; LIEBENAU, J.; DEGROSS, J.I. **Information systems and qualitative research.** Philadelphia: FIP, 1997.

GRAWITZ, Madeleine. **Méthodes des sciences sociales.** 7. ed. Paris: Dalloz, 1975.

GOLDENBERG, Paulete.; MARSIGLIA, Maria Regina; GOMES, Andreia. **O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

GOMES, R. A Análise de Dados em Pesquisa Qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.) et al. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2004. pp. 67-80.

JANKOWSKI, N. W., WESTER, F. La tradición cualitativa en la investigación sobre las ciencias sociales: contribuciones a la comunicación de masa. In: JENSEN, K.B.; JANKOWSKI, N.M. **Metodologías cualitativas de investigación en comunicación de masas**. Barcelona: Bosch, 1993.

LYRA, Mariana G.; GOMES, Ricardo C; JACOVINE, L.A.G. O papel dos stakeholders na sustentabilidade da empresa: contribuições para construção de um modelo de análise. **RAC**, Curitiba, v. 13, Edição Especial, art. 3, p. 39-52, 2009.

LEFFA, Vilson. A aprendizagem de línguas mediada por computador. In: LEFFA, Vilson. (Org.). **Pesquisa em lingüística aplicada: temas e métodos**. Pelotas: Educat, p. 11-36, 2006.

LINCOLN, Yvonna. S.; GUBA, E. G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MACHADO, Elias; ROHDEN, Júlia. Metodologias de Pesquisa aplicadas ao jornalismo. **BrazilianvJournalismvResearch**, v. 12, n. 1, p. 228-245, 2016.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Método de pesquisa em comunicação: projetos, idéias, práticas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

MARCONDES, Nilsen Aparecida Viera; BRISOLA, Elisa Maria Andrade. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas Qualitativas. **Revista Univap**. São José dos Campos, v. 20, n. 35, 2014.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1994.

RONCAGLIO, S. M. A Relação Professor-Aluno na Educação Superior: A Influência da Gestão Educacional. **Psicologia ciência e profissão**, n. 24, v. 2, 100-111, 2004.

NIGLAS, Katrin. **The combined use of qualitative and quantitative methods in educational research**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Tallinn Pedagogical University, 2004. Disponível em: <<http://www.tlulib.ee/files/arts/95/Nigla32417030233e06e8e5d471ec0aaa32e9.pdf>>. Acesso em: 20/10/2017.

OLIVEIRA, Fabiana Luci. Triangulação metodológica e abordagem multimétodo na pesquisa sociológica: vantagens e desafios. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 51, n. 2, p. 133-143, 2015.

PARANHOS, Ronulfo et al. Uma introdução aos métodos mistos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 18, n. 42, p. 348-411, 2016.

RICHARDSON, Roberto. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker, 2001.

SANTOS FILHO, José Camilo. Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático. In: SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SMALL, Mario Luís. How to conduct a mixed methods study: recent trends in a rapidly growing literature. **Annual Review of Sociology**, 2011.

TASHAKKORI, Abas; TEDDLIE, Charles. **Handbook of Mixed Methods in Social & Behavioral Research**. Thousand Oaks: Sage, 2003.

TEDDLIE; Charlie.; TASHAKKORI, Abbas. A general typology of research designs featuring mixed methods. **Research in the schools**, v.13, n.1, 2006.

TESCH, Renata. **Qualitative research: analysis types and software tools**. London: Folmer Press, 1990.

VANS, Samile et al. Mapeamento das teses e dissertações em comunicação no Brasil (1992–2002): tendências temáticas. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n.3, p. 53-61, 2007.

WOOLLEY, Gary. The assessment of reading comprehension difficulties for Reading intervention. **Australian Journal of Learning Difficulties**, p. 51-62, 2008.

Recebido em: 18/05/2019

Aceito em: 06/06/2020